



JORNAL JUNTOS!

Nº 35 | Ano 9 | nov/dez -2019

QUEM MANDO MATAR MARIELLE?

TOMAR AS RUAS

sejamos milhões de Marielles

#FORABOLSONARO

Manifesto
Novembro
Negro
pag. 4

Entrevista
com
Jessica
Jahiren
pag. 6

Marx: atual
como nunca,
necessário
como
sempre
pag. 10



[juntas
coletivojuntas](#)



[@coletivojuntas
@coletivojuntas](#)



[/juntascoletivo
juventudeemluta](#)



Editorial

Por Felipe Simoni, Coordenação Nacional do Juntos!

A América Latina foi, esse semestre, tomada pelas lutas dos povos. No Equador, indígenas marcharam até a capital, Quito, e impuseram derrota ao traidor Lenin Moreno. No Haiti e no Chile, o povo nas ruas mostra que é hora de derrubar os governos dos ricos. No Brasil, a guerra social contra a população pobre e negra, orquestrada por Jair Bolsonaro e seus semelhantes, tem que acabar, e as lutas no nosso continente mostram o caminho para derrotarmos esse projeto nefasto.

As revelações sobre as relações entre o clã Bolsonaro e os milicianos que mataram Marielle Franco e Anderson Gomes, começam a se aprofundar. O governo da retirada de direitos, é também o governo do autoritarismo e da relação com o crime organizado. Os irmãos latinos mostraram que é possível derrotá-los. É hora de sermos milhões de Marielles nas ruas contra os Bolsonaros. Os ventos do povo nos chamam!



ENTRE NO NOSSO SITE

Expediente

Editorial: Felipe Simoni

Colaboradores/as: Luana Alves, Ana Paula Santos, Felipe Simoni, Camila Souza, Fabiana Amorim, Gabriel Feltrin, Bruno Zaidan, Julio Pontes, Juntos nas Escolas, Juntos Negras e Negros.

Diagramação - Capa e Miolo: Silvia Guerreiro Giese

Índice

Feminismo das 99%: mulheres negras no centro da luta

3

Manifesto da Negritude

4

América Latina em Luta! Façamos no Brasil contra Bolsonaro.

5

Entrevista Jessica Jahiren

6/7

Vitória do movimento estudantil! Seguiremos até o fim do Future-se!

8

Manifesto do Juntos nas Escolas rumo ao 42º CONUBES

9

Marx: atual como nunca, necessário como sempre

10

Cultura da Periferia e Resistência

11

FEMINISMO DAS 99%: MULHERES NEGRAS NO CENTRO DA LUTA

3 | JUNTOS.ORG.BR

Por Luana Alves, psicóloga, militante da Rede Emancipa e do PSOL

A luta das mulheres nunca foi secundária para a luta global por uma sociedade radicalmente diferente. Estamos vivendo um dos períodos mais graves de ataque dos donos do poder à maioria do povo. No mundo todo, o andar de cima tenta se salvar da crise impondo um plano econômico neoliberal que visa acabar com os serviços públicos. Políticas de educação, assistência e saúde pública são desmontadas no mundo todo, em especial nos países da periferia do capitalismo. Esse programa também se apoia no acirramento da violência estatal sobre a população pobre, em especial sobre os jovens. Nesse jogo, as mulheres são atingidas em cheio. Somos responsáveis, na injusta divisão reprodutiva do trabalho, pelo cuidado das famílias, das crianças e pela manutenção do bem estar geral da população. As mulheres pobres e negras são as mais duramente atingidas, pois recebem os piores empregos e salários, carregando o maior peso na estrutura de exploração do trabalho. Recebemos pouco, trabalhamos muito, temos que cuidar de outras famílias além das nossas, temos que lidar com a violência em cima da juventude periférica e em cima de nós mesmas. Somos obrigadas a se virar com pouco: os cortes na educação e na saúde, e a Reforma da Previdência, implicam em menos acesso a creches, escolas, postos de saúde.

Os mesmo donos do poder que impõem a austeridade investem nas políticas de morte e de repressão às liberdades democráticas, principalmente à liberdade das mulheres. Há um movimento para, cada vez mais, criminalizar o direito a sermos donas de nossos corpos. Tenta-se restringir o acesso ao aborto seguro, impedir que falemos sobre violência obstétrica, desmontar as redes de combate a violência contra a mulher, e alardear uma suposta “defesa da família” cujo

único propósito é na verdade defender a cultura do machismo e do racismo, que mantém calada a indignação coletiva e tenta inibir movimento político das mulheres mais oprimidas. Temos, então, uma concatenação entre políticas de morte, próprias do neoliberalismo, concretizadas pela austeridade econômica e pela repressão nas periferias, com a exaltação da ideologia escravocrata e machista, que naturaliza todo tipo de violência sobre mulheres pobres. Dois terços das mulheres assassinadas no país são negras. Enquanto a taxa de feminicídio de mulheres não

negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, a taxa para mulheres negras cresceu 30%. Não há espaço para dúvida: as mulheres negras e pobres são o alvo principal dos poderosos, e é pelo feminismo classista e antirracista que teremos avanços reais na luta.

“Não há espaço para dúvida: as mulheres negras e pobres são o alvo principal dos poderosos, e é pelo feminismo classista e antirracista que teremos avanços reais na luta.”

Assim como somos os principais alvos dos donos do poder, é a nossa luta coletiva que pode colocar abaixo as velhas estruturas. A luta pelo reconhecimento do trabalho doméstico não remunerado deve se centrar também nas empregadas domésticas, duplamente injustiçadas. A luta por direitos reprodutivos deve incluir direito ao aborto seguro e também a luta contra o genocídio da juventude negra, que massacra a maternidade de mulheres negras. A luta das mulheres deve antagonizar contra o neoliberalismo, que impede mulheres pobres de acessarem educação, saúde, e segurança. O feminismo, como movimento na vanguarda das mobilizações pelo mundo, só assumirá de fato um caráter revolucionário e anticapitalista se estabelecer, no centro de suas lutas, os interesses das mulheres mais atingidas pelo capital.



MANIFESTO DO NOVEMBRO NEGRO

Por Juntos! Negras e Negros



A eleição de Jair Bolsonaro em 2018 colocou para a negritude um acirramento do racismo estrutural no nosso país. Os ataques são sem precedentes: ameaça às cotas raciais, o racismo religioso, o aumento do encarceramento em massa da negritude, o desemprego e o aumento do discurso de ódio. A ofensiva conservadora, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, demonstram um discurso de incentivo ao genocídio da juventude negra e periférica. Os governos de Bolsonaro, Witzzel e João Doria não deixam dúvidas de que a narrativa de combate à violência é, na verdade, uma autorização para nos matarmos.

Apesar disso, o caso da morte de Ágatha Felix no Rio de Janeiro e as recentes notícias a respeito do envolvimento da família Bolsonaro no assassinato político da vereadora Marielle Franco demonstram que a negritude é um setor social fundamental na desidratação ao governo. As mobilizações no Brasil inteiro denunciando o assassinato de Agatha e cobrando justiça a Morte de Marielle revelam que hoje a negritude está tomando o centro da política do país. Nós resistimos nos morros e periferias mostrando que não aceitaremos de cabeça baixa a morte dos nossos e de que temos o potencial de abalar as grandes estruturas de poder.

No entanto, para isso, é urgente que organizemos os nossos para disputar o centro da política e do poder. Precisamos incentivar revoltas nas periferias e CONTRA- ATACAR diante da ofensiva dos ataques a população negra. Como Marielle Franco, expressamos a projeção de um outro futuro e da totalidade do mundo que queremos, um mundo sem exploração capitalista, racista, machista e LGBTfóbica. Queremos um mundo no qual nós negros possamos ter o direito à existência sem ser alvo de mortes da polícia a todo instante, um mundo no qual possamos ocupar os espaços de poder e debater sobre todos os temas da nossa sociedade, sem que a nós seja renegado tratar apenas de pautas específicas. Para nós, debater sobre negritude é pensar em como transformar a sociedade que vivemos.

Por isso, neste mês de novembro, o recado que temos que dar é a organização do povo negro em cada local de atuação, seja nas periferias, nas universidades, nos sindicatos; a nossa tarefa é fazer cada local uma trincheira de luta anticapitalista e anti racista. Não iremos aceitar nenhum retrocesso e ataques da extrema direita no Brasil e no mundo. Seremos ponta de lança na construção de um novo projeto de país no qual o combate ao racismo e ao capitalismo estejam no centro de uma nova sociedade.





A América Latina em Luta! Façamos no Brasil contra Bolsonaro!

Por Gabriel Feltrin, Coordenação Nacional do Juntos!

Nos últimos dias temos acompanhado uma série de levantes populares na América Latina. São inúmeras manifestações com protagonismo da juventude, indígenas, artistas e trabalhadores.

O Equador sob direção da CONAIE (Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador) presenciou a maior jornada de protestos dos últimos 20 anos num movimento que emparedou o presidente Lenin Moreno e derrotou seu pacote de medidas antipopulares que pretendia aumentar o preço do diesel e da gasolina.

No Haiti uma jornada de protestos radicalizados está em andamento contra o governo corrupto e repressor do direitista Moise e a extrema desigualdade social que tem há décadas levado o povo a degradação, fome e miséria.

O Chile se levantou contra o anúncio do aumento da tarifa de ônibus e metrô colocando mais de 1 milhão nas ruas extrapolando sua luta e também pautando contra as condições impostas por uma economia ultra desigual. Um processo, em certa medida, parecido com junho de 2013 no Brasil.

Todos os três processos se caracterizam como levantes populares e tem em comum um mesmo inimigo: o neoliberalismo. E esse é quem tem exposto não só periferia, mas também no centro do capitalismo, a profunda crise desse sistema.

As mobilizações da América Latina estão na ofensiva movimentando o pêndulo da luta de classe no continente. Para além de serem justos levantes populares, eles se constituíram como lutas de maioria social arrastando e ganhando a opinião pública. Um verdadeiro exemplo para a nossa luta no Brasil.

É hora do movimento estudantil brasileiro, em conjunto com os indígenas, ambientalistas, artistas e trabalhadores seguir o exemplo dos nossos irmãos latino-americanos e ser ponta de lança na mobilização contra a agenda de Guedes e Bolsonaro. O maior exemplo econômico e político deles está em franco declínio. O Brasil precisa entrar nessa rota de indignação e mobilização apresentando um calendário de lutas e uma palavras ordem para enfrentar esse desgoverno.

Por Camila Souza, Coordenação nacional do Juntos!
e Fabiana Amorim, estudante da UFF e diretora de
Cultura da UNE

O Juntos! entrevista, nesta edição, a estudante e ativista do movimento estudantil na Universidad Central del Ecuador, Jahiren Noriega, sobre as mobilizações do povo contra o neoliberalismo e autoritarismo do governo Lenín Moreno, no Equador.

JORNAL DO JUNTOS: O Equador viveu, nos últimos dias, um verdadeiro levante do povo, mesmo enfrentando a repressão. Por que a população perdeu a paciência e foi para as ruas?

JAHIREN NORIEGA: Acho que as jornadas de Outubro constituíram uma autêntica rebelião popular contra o neoliberalismo. É importante ressaltar que, embora tenham sido as maiores manifestações, não foram

as primeiras. Como Lenín Moreno, que ganhou as eleições com um programa de governo progressista, começou, já nos primeiros meses de governo, mostrar sinais de uma “direitização” em sua política econômica, social e internacional, surgiram setores que se mobilizaram e alertaram a população sobre o que viria.

A exclusão dos subsídios da gasolina (que gerou um aumento de 120% no preço) foi “a gota que derramou o copo”; no entanto, a raiva e o desconforto com o governo neoliberal de Lenín Morena já existia.

JJ: Qual foi a importância do movimento estudantil e do movimento de mulheres nesse levante?

JN: A participação das mulheres e estudante foi fundamental, me atrevera a dizer que foi indisponível na manutenção dos 10 dias de resistência. As trincheiras foram várias: é claro que as ruas foram as mais faladas, e nesse espaço se encontraram mulheres e estudantes, que estiveram na linha de frente do enfrentamento direto, corpo a corpo, com a polícia. Mas também, e não menos importante, foi o trabalho de cuidado que, esses mesmos setores, realizaram nós Centros Humanitários de Coleta e Acolhimento, lugares que funcionaram como espaços onde o movimento indígena podia descansar e alimentar-se, atividades vitais para a vida, e a participação do movimento feminista na realização de “panelas comuns” no





parque El Arbolito (lugar de concentração dos povos e nacionalidades indígenas).

Outro lugar de vital importância, que foi ocupado por esse setor, foram as brigadas médicas, que atendiam às pessoas feridas pela repressão policial, feita de forma desproporcional pelo Estado. Mesmo nas zonas de paz, onde se encontravam mulheres e crianças indígenas alojadas, as e os estudantes de Medicina fizeram cordões humanos para proteger a população indígena, que precisava chegar às universidades onde se encontravam refugiados.

JJ: Ninguém sai igual depois de uma luta. Depois da vitória contra o projeto de Lenín Moreno, quais são os próximos passos da luta no Equador?

JJ: Continuar nos organizando contra o neoliberalismo autoritário, que foi implantado pelo governo de Lenín Moreno. Neste exato momento, a Assembleia Nacional está debatendo a Lei de Crescimento Econômico, que pretende, entre outras coisas, o fundo de liquidez doméstico que têm os bancos privados, para responder aos seus depositantes. Ou seja, beneficiar os interesses dos grupos de poder, em detrimento dos direitos do povo. O setor universitário demonstra uma profunda preocupação com o futuro das universidades públicas, pois a Reforma Orçamentária de 2020 desfinancia a educação superior, reduzindo 136,2 milhões de dólares do orçamento.

Diante desses ataques, o povo equatoriano tomará medidas.

JJ: Vimos que pouco depois do processo de mobilização no Equador, o Chile também se levantou contra o governo e a repressão de Piñera. Aqui, no Brasil, vivemos um governo de extrema-direita, e também se faz urgente um levante, como o que está acontecendo na América Latina. Que mensagem você deixa aos brasileiros insatisfeitos com o governo de Bolsonaro?

JJ: Que a luta é o caminho! Não se deixem convencer de que não há outras possibilidades, outros futuros possíveis, que só se tornarão realidade através da luta popular. Nós, jovens, temos a obrigação histórica de deixar às futuras gerações, um mundo melhor do que recebemos: mais justo, mais digno, mais humano.

VITÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL! SEGUIREMOS ATÉ O FIM DO FUTURE-SE!

Por Bruno Zaidan, Coordenador Geral do DCE da UnB e Ana Paula Santos, Coordenadora Geral do DCE da UFRGS

Desde o começo do ano, o movimento estudantil tem se colocado na luta contra os ataques à educação e se mostrado como o polo mais ativo contra o governo Bolsonaro. Fizemos uma forte jornada de lutas em defesa da educação e contra os cortes, que começou com o dia 15 de Maio, seguido pelos dias 30 de Maio, 12 de Julho e 13 de Agosto, com atos por todo o país. Um verdadeiro Levante dos Livros que colocou centenas de milhares de pessoas na rua, e sensibilizou milhões da gravidade dos ataques de Bolsonaro e Weintraub.

O movimento esteve à altura da principal tarefa do nosso período: fazer lutas que sejam capazes de conquistar maioria social, que possam ganhar até mesmo aqueles que votaram em Bolsonaro mas se solidarizam com as lutas justas em defesa da educação, do meio ambiente, e de outros direitos sociais, dialogando com uma ampla parcela dos decepcionados com o governo. Essa potência fez com que o movimento estudantil tenha sido protagonista das brigadas pela educação, que tomaram o transporte público para dialogar com o povo, e das iniciativas de universidade nas ruas e praças, com exposição de pôsteres e trabalhos em espaços públicos para mostrar o que se produz nas nossas universidades.

Com uma nova geração nas universidades que

tomou para si a tarefa de derrotar o governo Bolsonaro, o movimento estudantil tem apontado o caminho para a construção de uma alternativa política a Bolsonaro, com vitórias importantes da esquerda radical em DCEs e CAs pelo país. Além disso, conseguimos uma vitória histórica e esmagadora no principal DCE da direita no país, o da UnB, com uma chapa da unidade das forças progressistas, marcada pela renovação e pela urgência de mobilização.

A nossa intensa mobilização deu frutos e conseguimos reverter os cortes feitos em Maio. No entanto, ainda temos muito a fazer. Bolsonaro quer asfixiar ainda mais as contas das universidades com o projeto Future-se, que retira a responsabilidade do governo em garantir o financiamento público para essas instituições, e com o novo orçamento da educação para 2020, que vai cair em 18% (mais de R\$ 20 bilhões), e derrubar pela metade as verbas da pesquisa.

Devemos seguir nos mobilizando para derrotar o Future-se e o projeto de privatização das universidades e IFs que está em marcha. Em um país com as maiores empresas privadas de educação do mundo, e onde moram 206 bilionários, é urgente uma política de redistribuição de renda de taxaçaõ das grandes fortunas para garantir a sobrevivência da educação pública.



É HORA DE REVIDAR OS PODEROSOS!

MANIFESTO DO JUNTOS! NAS ESCOLAS RUMO AO 42º CONGRESSO DA UBES

Somos estudantes de ensino médio, técnico, fundamental e de cursinhos pré-vestibular preocupados com nosso futuro. Temos feito a greve do clima, lutado contra o aumento das tarifas de transporte, contra o genocídio de nossos amigos e colegas negros, pela liberdade do fazer cultural e de ensino sem censura, por mais direitos às meninas viverem com respeito e dignidade e pela nossa educação gratuita e de qualidade, ocupando as ruas no 15M e no 30M dizendo #TiraAMãodoMeuIF. Aqui do Brasil, somos parte de um movimento internacional em que os secundaristas tem sido linha de frente do revide aos governos autoritários e neoliberais. Após ocupar milhares de escolas, estamos construindo a resistência contra o governo de extrema-direita de Bolsonaro, mas também o nosso próprio projeto de educação e de sociedade.

Nenhum centavo a menos para a educação! O Fundeb Fica!

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) atende toda a educação básica, da creche ao ensino médio e corre o risco de não ser renovado no ano de 2020. Isso significa um corte profundo de investimento na educação pública que já sofreu brusca redução com a PEC do teto de gastos (EC95). Esse importante pacto de garantia de um futuro melhor para a juventude precisa ser renovado em 2020, mas Bolsonaro já sinalizou que não renovará o compromisso, colocando um ceifeiro na educação pública no país. Somente com mobilização e radicalidade nas ruas garantiremos o futuro dos estudantes brasileiros!

Chega de tirar estudantes da escola!

Em diversos estados estamos vendo o esvaziamento das escolas: enturmação, fechamento de turnos e de escolas, como parte

do projeto de destruição da educação pública. O superlotação de turmas tem precarizado ainda mais o acesso à escola de qualidade, num momento de acirramento da crise onde muitos estudantes precisam se virar entre o trabalho e a escola. Aqueles que atacam as universidades, dizendo que sua prioridade é o ensino básico, são os mesmos que cortam verba de nossas escolas e de nossos materiais didáticos. Precisamos defender uma escola popular, onde o estado garanta a permanência dos estudantes trabalhadores com acesso à educação de qualidade.

Nossa saída é a nossa organização!

Os Grêmios Estudantis são uma importante ferramenta de autoorganização dos estudantes. Nos organizamos para lutar contra os diversos preconceitos que sofremos, de forma plural e autêntica, unindo forças para combater quem ameaça nossa liberdade e nossos direitos. Para que possamos dar um revide aos poderosos que nos atacam, fazemos um chamado a todos os grêmios e estudantes a construir com o Juntos! os próximos passos do movimento secundarista. Já chega de Bolsonaro!



MARX: ATUAL COMO NUNCA, NECESSÁRIO COMO SEMPRE

Por Julio Pontes, Coordenação Nacional do Juntos!

A atualidade do pensamento de Karl Marx, dois séculos depois do seu nascimento, mantém-se de pé, mostrando-se a cada dia como uma verdadeira ameaça à ordem capitalista. Eis o que faz de Marx atual e, indistintamente, necessário: atual porque nos oferece as armas da crítica para entender o capitalismo até hoje; necessário porque, além de interpretá-lo, está dedicado a transformá-lo em sentido revolucionário e com um programa socialista – como sentenciado nas Teses Sobre Feuerbach (1845).

Mas, antes de tudo, é preciso dizer que o legado teórico e político dado por Marx não deve ser limitado às suas teses e seus resultados, embora parte importante deles permaneça atual para entender e intervir na realidade. Ao falarmos de um marxismo ortodoxo, como define o filósofo marxista húngaro György Lukács, estamos nos referindo a um marxismo que não renuncia do método, isto é, do núcleo fundador sobre o qual se desenvolveu o pensamento de Marx, o materialismo dialético. Nele, como uma bússola, devemos nos orientar para entender e responder às questões e tarefas do nosso tempo, hoje alinhavado por uma crise histórica capitalista.

Nossa geração, hoje, testemunha o velho mundo estrebuchar em crises econômicas, sociais e políticas que percorrem todos os países, do capitalismo central ao capitalismo periférico. Há aí uma contradição de caráter fundamental e imutável prevista por Marx: as crises capitalistas são cíclicas – contando hoje com um intervalo cada vez mais comprimido. A última de escala histórica, em 2008, está longe de se resolver nos termos de uma reinvenção nos marcos do próprio capitalismo. Na agonia do velho mundo e na impossibilidade como condição imediata da construção de um mundo socialista, no

entanto, as lutas parciais explodem globalmente – como na rebelião popular e indígena no Equador, como na irrupção de massas no Chile, como no levante democrático em Hong Kong.

O internacionalismo é uma condição imperativa para imprimir unidade às lutas parciais, organizando-as sob a bandeira de um programa de transição. A luta dos trabalhadores é nacional por sua forma mas internacional por seu conteúdo, escreveu Marx. Não existe, portanto, horizonte socialista circunscrito aos limites nacionais, como defendeu Trotski contra o “socialismo em um só país” encarnado pela III Internacional de Stálin – que nos conduziu a uma derrota histórica.

O fato é que, como dito antes, a obra de Karl Marx é absolutamente atual e necessária, uma vez que nos fornece os instrumentos para compreender a realidade em perspectiva totalizante, como também nos permite transformá-la. Não há marxismo, pois, sem práxis, ou seja, sem a unidade entre teoria crítica e ação revolucionária. É nessa direção, cientes das tarefas colocadas para a juventude hoje, que queremos convidar toda a militância e os ativistas a participar da Escola Marx no ano que vem – uma escola de formação de iniciativa do Juntos! que acontecerá em vários lugares do Brasil.





CULTURA DA PERIFERIA É RESISTÊNCIA!

Por Felipe Simoni, estudante de Geografia da USP

Não é novidade que o sistema econômico e a estrutura racial, no Brasil, tentam esmagar o povo, de cima para baixo. A opressão está colocada em diversas situações diferentes, desde as relações de poder, sociais e econômicas, mas também com uma guerra social imposta, tendo como território geográfico inimigo o espaço do povo: a periferia.

É verdade que na nossa jovem democracia brasileira, nunca foi tão intensa e tão disseminada, essa guerra social. Mas também é verdade que a negritude e o povo pobre do nosso país vem enfrentando, com muita coletividade e resistência, os ataques orquestrados pelos poderosos.

Desde a capoeira, o samba, os raps de RZO, Facção Central e Racionais, o povo negro e da periferia, encontrou na cultura uma forma de denunciar, mas também de se organizar e resistir à opressão. Hoje não seria diferente. As periferias de todo o país estão tomadas de construção de uma cultura própria, de denúncia e resistência. Cresceu, de forma explosiva, a quantidade de saraus e slams, em todo o país. É na forma de poesia acústica, que muitos jovens encontram força coletiva para

apontar o dedo para o racismo e os poderosos e dizer que não vão mais aceitar calados, seus ataques.

A cultura do povo negro e da periferia tem um poder gigantesco de coletivizar e dar força para a luta, não à toa foi criminalizada durante muito tempo, e não à toa querem voltar a fazê-la, como fazem hoje com funk. A tentativa de criminalização desse gênero musical, que ainda tramita no Senado Federal, mostra que o andar de cima quer, de todas as formas, mostrar que não tolerará as culturas da periferias e favelas brasileiras. Mas cada slam, cada batalha de rap e cada roda de samba, tem um sentido político de construção, união e resistência.

De Jovelina Pérola Negra à Emicida, de Sérgio Vaz às batalhas de rap nas praças, a partir da cultura, o povo está se organizando para dizer que é hora de esmagar a opressão, de baixo para cima.

América
Latina em
luta!

Façamos
no Brasil
contra
Bolsonaro



 /_juntas
/coletivojuntos

 @coletivojuntas
@coletivojuntos

 /juntascoletivo
/juventudeemluta